

60º aniversário do *Te-Deum* em ação de graças pela aclamação de D. Pedro II como Imperador, as edições iniciais foram feitas em máquina plana *Alauzet-Express*, em tiragem de 5000 exemplares. O *Jornal do Brasil* apresentou-se em oito páginas, formato de 120 por 51 centímetros, impressa a primeira página em corpo 10, com oito colunas de 6 centímetros em cada página; custava 40 réis o exemplar; 6\$000 e 12\$000 as assinaturas semestrais e anuais na capital, e 8\$000 e 16\$000 para o interior.

A imprensa do Rio era variada e mesmo numerosa, se considerarmos as condições que presidiam sua existência. Max Leclerc situou bem algumas de suas características. É aceitável a divisão que faz entre grandes e pequenos jornais, entre aqueles alinhando apenas o *Jornal do Comércio*, cuja forma José Carlos Rodrigues vinha alterando, pouco a pouco, sem tocar-lhe o conteúdo, e a *Gazeta de Notícias* em fase de fastígio, deixando entre os segundos, sem mencionar-lhes os nomes, *O País*, o *Diário de Notícias*, que não cabiam perfeitamente na categoria, pois aproximavam-se dos grandes, e *A Rua*, a *Folha Popular*, *A Tribuna*, a *Cidade do Rio*, o *Correio do Rio*, *O Brasil*, o *Diário do Brasil*, a *Gazeta da Tarde*, a *Gazeta Moderna*, o *Correio do Povo*, o *Jornal do Povo*, o *Diário do Comércio* e o *Diário Oficial*, para não mencionar as revistas, particularmente as ilustradas, órgãos semanais estas, de periodicidade variável as outras, e que exerciam grande influência na opinião. Nessa variada galeria, o *Jornal do Brasil* chegava para enfileirar-se entre os grandes. Fora montado como empresa, com estrutura sólida. Vinha para durar.

E trazia inovações, pelo menos nas dimensões que deu a cada uma delas: a distribuição em carroças era uma; a amplitude dos correspondentes estrangeiros era outra. Nesta categoria entravam Wilhelm Schimper, na Alemanha; Paul Leroy Beaulieu, na França; Edmondo de Amicis, na Itália; Emile de Laveleye, na Bélgica; W. Franklin, nos Estados Unidos; Fialho de Almeida, Teófilo Braga e Oliveira Martins, em Portugal; Joaquim Nabuco e o barão do Rosário, na Inglaterra. Seus propósitos, segundo o editorial de lançamento, eram claros. Pretendia, naturalmente, fazer opinião, pesar, influir, embora esclarecesse que “o jornal não é político, nem faz política, tomando o vocábulo na acepção que o uso, entre nós, lhe atribuiu”. Em relação ao regime, esclarecia: “Encontrando fundadas no país instituições para as quais não contribuímos, mas em cuja consolidação supomos dever nosso de patriotismo cooperar” . . . Era incisivo ao afirmar: “É agora ou nunca o momento de colocar os interesses superiores, permanentes e essenciais de nossa sociedade acima da estreiteza do espírito de seita e de partido”. Ao aparecer, encontrava o ambiente em turbulência. Começava, por isso, com cautela, noticiando, por exemplo, de forma objetiva e sumária,